

## Interincompreensão discursiva: uma análise da construção do “Kit Gay” enquanto simulacro

*Discursive interincomprehension: an analysis of the construction of “Gay Kit” as a simulacrum*

Patrícia de Oliveira Fonseca<sup>1</sup>  
Lucas Martins Gama Khalil<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso, um vídeo do então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, atual Presidente da República, veiculado em sua página do *Facebook* em 2016. Trata-se de um vídeo em que o político propõe “revelar” o que denomina como “Gay Kit”, apresentando um material didático que seria um meio de veiculação da “ideologia de gênero” nas escolas. Objetivamos analisar e compreender como se construíram os simulacros nesse vídeo, como se processa a referência aos já-ditos e ao Outro, conforme a Análise do Discurso, especificamente na perspectiva de Maingueneau (2008). Além disso, essa análise possibilita uma reflexão acerca das questões de gênero na educação, por meio da relação com a luta de classes, e do jogo de poder materializado em discursos políticos.

**Palavras-chave:** Discurso; Kit Gay; Simulacro; Interincompreensão.

**Abstract:** This article aims to analyze, from the perspective of Discourse Analysis, a video of the Federal Deputy by Rio de Janeiro, today President of the Republic, published on his Facebook page in 2016. This is a video in which the politician proposes to “reveal” what he calls “Kit Gay”, presenting a didactic material that would be a means of conveying the “gender ideology” in schools. We seek to analyze and understand how the simulacrum was constructed in this video, how the reference to the “already-said”, to the Other is processed, following Discourse Analysis, specifically by Maingueneau (2008). Moreover, this analysis enables a reflection on gender issues in education, through the relationship with class struggle, and the power play materialized in political discourses.

**Keywords:** Discourse; Gay Kit; Simulacrum; Interincomprehension.

### Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o discurso presente no vídeo do então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro e hoje Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, veiculado em sua página do *Facebook* no dia 10 de janeiro de 2016. Trata-se de um vídeo em que Bolsonaro propõe “revelar” à população o que ele denomina como “Kit Gay”, em referência ao material “Caderno Brasil Escola Sem Homofobia”.

A Análise do Discurso, que integra os estudos da linguagem, concebe o sujeito como fundamentalmente histórico, interpelado pela ideologia e clivado pelo inconsciente. O dizer, para essa perspectiva teórica, não “nasce” no sujeito, mas emerge em

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. patyfonseca8@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. lucas.khalil@unir.br

determinadas condições de produção. Interessa-nos, a partir da análise do vídeo mencionado, compreender como se materializa discursivamente a posição ideológica assumida por Jair Messias Bolsonaro em relação ao “Kit Gay”.

No vídeo analisado, o enunciador defende que o “Kit Gay” seria um meio de veiculação da “ideologia de gênero” nas escolas. Não obstante a discussão das questões de gênero na Educação, a importância de compreender como se construíram os simulacros no objeto em questão se torna ainda mais necessária, tendo em vista que a ideologia que determina esse discurso exerceu grande influência no resultado das eleições presidenciais brasileiras de 2018 — o que demonstra a eficácia das construções discursivas no jogo político.

Nesta pesquisa, o *corpus* da análise, de modo amplo, constitui-se efetivamente pelo discurso presente no vídeo, o qual não se compõe somente pelos enunciados ali produzidos, haja vista que a fala ali materializada se constitui por meio de outros dizeres, faz referência a já-ditos e ao Outro<sup>3</sup> (constituído a partir do posicionamento com o qual se entra em disputa em dado campo), conforme Maingueneau (2008) explica em sua obra *Gênese dos Discursos*. Nosso objetivo, portanto, foi destacar como se produziu essa construção na materialidade enunciativa.

Pretendemos apontar, ainda, simulacros presentes no vídeo, movimento gerado através da interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008), funcionamento resultante do modo como determinado posicionamento interpreta o seu Outro, adversário em um determinado campo discursivo, a partir de seu próprio sistema de restrições semânticas. Em consonância com a abordagem proposta por Maingueneau (2008), foram analisados os enunciados produzidos por Jair Bolsonaro no vídeo, sob uma perspectiva discursiva. O cerne da teorização está na hipótese de que o interdiscurso precede constitutivamente o discurso. Para melhor compreender como se constroem os simulacros, o interdiscurso passa a ser o foco, e não as identidades dos posicionamentos individualizadamente.

---

<sup>3</sup> Em AD, o termo Outro, com letra maiúscula, é utilizado por Michel Pêcheux (1997, p. 133), retomando a teoria lacaniana: “o inconsciente é o discurso do Outro”. Não se trataria de um “outro” eu (aí sim com a inicial minúscula), mas sim da própria clivagem do sujeito. Maingueneau (2008), em *Gênese dos Discursos*, embora utilize “Outro” com inicial maiúscula, rejeita uma relação de equivalência conceitual com o homônimo lacaniano, na medida em que compreende a noção menos como uma condição à qual os sujeitos estão já submetidos, e mais como determinada relação historicamente delimitável e constitutiva entre posicionamentos de um dado campo. Para o teórico, “o Outro do espaço discursivo representa a intervenção de um conjunto textual historicamente definível, que se encontra no mesmo palco do discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 38-39).

O desenvolvimento desta pesquisa se pautou inicialmente na identificação e preparação do *corpus*, composto pela transcrição do discurso objeto, originalmente veiculado em vídeo, na página oficial do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro. Com as falas transcritas, pôde-se analisar: (i) as marcas linguísticas que evidenciam o jogo de alteridade entre sujeitos; (ii) o vocabulário empregado pelo enunciador; (iii) o movimento de já-ditos nos discursos; e (iv) as determinações históricas sobre o dizível e o indizível no discurso.

Partindo da hipótese do primado do interdiscurso sobre o discurso, considerou-se, na análise, que entra em funcionamento a relação constitutiva com outros enunciados e posicionamentos historicamente situados. Ao verificarmos os rastros de outros dizeres e a regularidade do discurso conservador<sup>4</sup> no que diz respeito à sexualidade, pretendemos mostrar que, além do que corrobora os princípios do enunciador, o outro posicionamento, contrário ao conservadorismo, também emerge no discurso, porém, sob a forma de simulacro.

De acordo com Maingueneau (2008), a relação de um posicionamento com seu Outro sempre se dá a partir da construção de um “simulacro”, que não é entendido meramente como uma “leitura” específica do Outro e não equivale integralmente ao jogo de representações imaginárias teorizado por Pêcheux, embora algumas relações sejam possíveis. No quadro teórico de Maingueneau (2008), trata-se de um funcionamento que decorre da interincompreensão, um “desentendimento recíproco”, que é condição constitutiva da relação entre posicionamentos que se encontram em polêmica no interior de dado campo discursivo: “não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” o sentido dos enunciados do outro; são duas facetas do mesmo fenômeno” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99).

Embora o caráter deste estudo tenha sido primordialmente descritivo/analítico, não podemos negar, como efeito, uma possível contribuição para o processo de desconstrução de discursos homofóbicos e de *fake news*, ressaltando-se a importância

---

<sup>4</sup> A expressão “discurso conservador”, como designadora de um posicionamento, tem uma amplitude de escopo cuja análise exaustiva ultrapassaria os limites deste trabalho. Aqui, usamos a expressão em uma referência específica e historicamente delimitável: trata-se da produção enunciativa, no campo político brasileiro do atual século, que se relaciona sobretudo a políticos (mas não apenas) vinculados a partidos de extrema-direita, os quais sustentam pautas como: a defesa de uma família “tradicional”, o armamento da população, o vínculo entre Estado e religião, dentre outras.

da produção e distribuição de materiais como o “Caderno Brasil Escola Sem Homofobia”, de modo a conscientizar a sociedade quanto ao respeito à diversidade.

### **Análise do Discurso: breves apontamentos**

Questionando a suficiência da abordagem estruturalista sobre a língua, e, de modo especial, sobre a semântica, surgiu, em meados dos anos 1960 na França, a Análise do Discurso (doravante AD), buscando compreender as relações discursivas e introduzindo nos estudos da linguagem uma reflexão que aborda o funcionamento da ideologia na materialidade linguística. Na AD, em sua linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, a ideia fundamental é de que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2005, p. 17). Portanto, para a concepção de pesquisa desenvolvida neste trabalho, foi adotada a linha da AD francesa, que concebe as relações discursivas no âmbito linguístico e histórico.

Para o aprofundamento da teoria da AD, foi utilizada especificamente a obra do analista do discurso Dominique Maingueneau, com vasta produção na área nos últimos 30 anos. Tomamos como principal referência sua obra *Gênese dos Discursos*, na qual Maingueneau (2008) discute, especialmente, a relação de alteridade na constituição dos posicionamentos. O autor afirma que toda enunciação é fruto da presença do Outro e, deste modo, o discurso é concebido como atividade interativa.

o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regulada. Cada um conduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói (MAINGUENEAU, 2008, p. 21).

Muitas vezes compreendido simplificarmente como a “língua em uso”, ou como sinônimo de fala (conceito saussureano), o discurso é, na verdade, o “local” onde se produzem os sentidos, um ponto de encontro entre processos linguísticos e ideológicos. Demanda-se, então, um “percurso” pela linguagem. “A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15). Nessa perspectiva, não se trata de examinar um *corpus* como se tivesse sido produzido por um determinado indivíduo, em sua existência meramente

empírica. Conforme Maingueneau (1997), é preciso considerar sua enunciação como uma posição socioideológica na qual os enunciadores são substituíveis.

Concebemos, a partir da teorização de Maingueneau (2008, p. 19), que o discurso é “um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”. A AD oferece a teoria que auxilia na percepção das regularidades de uma formação discursiva presente na enunciação. A hipótese da AD é que exista uma espécie de arquivo, ou uma herança na qual, segundo Maingueneau (2008), estariam inscritas enunciações de um mesmo campo discursivo, atrelando-se, portanto, ao interdiscurso. Em conformidade com Orlandi (2004), resumidamente, o interdiscurso pode significar saberes constituídos na memória do dizer. O sentido construído por meio do que é dizível seria um conjunto de saberes, ou aquilo que já circularia na sociedade antes de o sujeito efetivamente dizer. O discurso, então, seria construído a partir de regularidades enunciativas histórica e socialmente constituídas. Enquanto o interdiscurso remonta ao movimento dos já-ditos, o intradiscurso associa-se à formulação do texto, ao fio linear dos enunciados.

Neste trabalho, compreende-se a ideia de *campo discursivo* como o âmbito em que diversos posicionamentos travam uma disputa sobre a melhor forma de preencher a mesma função social. Trata-se, aqui, portanto, do campo discursivo político. Definido o campo, conforme a proposta metodológica de Maingueneau (2008), é preciso recortar o *espaço discursivo*, que, no caso de nosso objeto, circunda a polêmica criada em torno do papel da escola quanto à educação sexual. Para Maingueneau (2008, p. 35), “os espaços discursivos são conjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação”.

### **Simulacro e interincompreensão**

Segundo Maingueneau (1997), o objeto de estudo na AD é a relação que amarra, por meio de um dispositivo, simultaneamente o resultante do verbal e do social. Dessa forma, o teórico articula o funcionamento discursivo com a sua inscrição histórica, procurando considerar as condições de uma enunciabilidade passíveis de serem historicamente circunscritas, e como o sujeito da enunciação faz emergir constantemente o Outro no seu discurso.

Para compreender a construção do simulacro, é preciso antes entender a ideia do primado do interdiscurso. Isso quer dizer que, no interior de uma formação discursiva,

conforme ressalta Maingueneau (2008), parte importante da produção do sentido é aquela na qual se refere ao Outro. Essa parte não precisa necessariamente ser um fragmento, uma citação ou estar explicitamente localizável, basta estar presente na relação discursiva, por meio da constituição de sentido.

No vídeo objeto desta análise, o sujeito se refere a pessoas e instituições, assim como aos partidos políticos, quando é possível percebermos a citação direta do Outro. E, mesmo quando não se refere diretamente a este outro, ele se torna presente em seu discurso pela retomada de expressões que são alusivas ao outro, no caso mais precisamente, o rival político, na sua concepção, o Partido dos Trabalhadores (PT). O simulacro que constrói do outro se dá por meio destas relações semânticas, sendo os enunciados de uma formação discursiva sempre atravessados pelo discurso do Outro. O sujeito produz determinados sentidos sobre o “Caderno Escola Sem Homofobia”, quando, por exemplo, se refere a ele utilizando o termo “Kit Gay”, mas não se pode negar que a semântica desse discurso se estabelece a partir de uma interpretação específica de outros posicionamentos. No vídeo, o político sempre marca, explicitamente ou não, a relação com um Outro, que permeia repetidas vezes a sua enunciação.

Para Maingueneau (2008), a análise da interincompreensão (que se trata de uma interincompreensão *regrada*, na medida em que é mediada pelo sistema de restrições semânticas da FD interpretante) perpassa a relação entre as formações discursivas e se dá porque o dizível, de um dado campo de discurso, é governado por um sistema de restrições único, que deve ser concebido como uma competência discursiva. A AD auxilia na investigação do discurso e dos efeitos de sentido que dele é possível apreender, por meio, no caso deste trabalho, da descrição e análise dos enunciados presentes no vídeo, considerando, fundamentalmente, o processo de interincompreensão, no qual simulacros são sustentados em relação ao Outro, isto é, ao posicionamento adversário no campo discursivo.

Desenvolvendo a noção de polêmica como interincompreensão, que consiste em um processo de “tradução” pautada em semas reivindicados e rejeitados por determinado posicionamento, Maingueneau (2008, p. 100) afirma que: “para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói”. Em *Gênese dos Discursos*, o autor recorre a exemplos de sua tese de doutorado, na qual pesquisou dois posicionamentos do campo religioso da França do século XVII (o humanismo devoto e o jansenismo), e

desenvolve, como resultado, um quadro de restrições semânticas que propõe sintetizar a interincompreensão estabelecida entre os dois posicionamentos. No caso de nosso objeto, algo de análogo ocorreria quando a “diversidade” (de gênero, por exemplo), reivindicada por discursos mais progressistas, é lida como “desregramento”; essa leitura engendra, na produção concreta dos enunciados, associações como a que se faz, no próprio vídeo a ser analisado, entre homossexualidade e pedofilia. A interincompreensão, dessa forma, não é concebida como sendo da ordem de um mal-entendido; ela atua de modo a regular a coexistência com o Outro, atingindo-o em seus fundamentos.

### **Análise: o vídeo de Bolsonaro e o “Kit Gay”**

No processo de análise de um discurso é importante observar o modo como dados empregos lexicais e sintáticos, nos processos enunciativos, propiciam determinados efeitos de sentido. Na análise do objeto, as observações realizadas buscaram contribuir para uma compreensão acerca da construção dos simulacros e do movimento discursivo da interincompreensão, mediante a identificação de como o Outro é traduzido no interior do discurso.

A partir de uma breve análise do tema tratado por Bolsonaro no vídeo, a própria opção por enunciar “Kit Gay”, ao denunciar o Caderno Escola sem Homofobia, já denota qual seria a interpretação do sujeito a respeito do material, primeiro simulacro identificado por este estudo. O emprego do termo “Kit Gay” traz um sintagma nominal com núcleo e modificador e, por meio deste processo de nominalização, o enunciador realiza a criação de um referente sob o qual construirá também uma série de simulacros. Sendo assim, analisaremos inicialmente a palavra “kit”, com intuito de perceber quais efeitos de sentido podem decorrer da utilização deste termo.

A palavra “kit”, no verbete do dicionário virtual Priberam.Org (2019), aparece como um termo de origem inglesa e possui o seguinte significado: “(i) conjunto de ferramentas ou artigos para uma mesma função, utilidade ou atividade; (ii) embalagem que contém tudo que é necessário para determinada ação ou atividade”. No dicionário virtual, em língua inglesa, Cambridge (2019), a palavra kit também é descrita como um conjunto de coisas, como ferramentas ou roupas usadas para uma finalidade ou atividade específica<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa de: “a set of things, such as tools or clothes, used for a particular purpose or activity”.

É importante salientar que, apesar de o material *Caderno Escola Sem Homofobia* denominar-se “caderno”, sob a ótica da diferenciação de gêneros discursivos<sup>6</sup>, ele se aproximaria muito mais de uma cartilha do que de um caderno (que, por sua vez, tende a funcionar como uma espécie de suporte que pode vir a abrigar diversos gêneros). Com a ressalva de que o significado dicionarizado não abarca todos os efeitos de sentido que podem vir a ser produzidos por um item lexical em uso, a recorrência aos verbetes pode nos ajudar a aprofundar a diferenciação semântica; por isso, como realizado em relação a “kit”, trazemos abaixo os verbetes “cartilha” e “caderno” e seus significados, presentes no dicionário Caudas Aulete (2019).

Nesse dicionário, o termo “cartilha” é definido como: “(i) livro próprio para ensinar a ler; (ii) compêndio de noções elementares sobre qualquer assunto (iii) fig. regra ou padrão de procedimento ou comportamento”. Por sua vez, o termo “caderno” é definido como “(i) conjunto de folhas brancas ou pautadas, unidas (ger. por meio de grampos ou espiral) em formato de livro, para anotações, exercícios escolares etc.; (ii) um dos conjuntos de folhas impressas e dobradas, com 8, 16, 32 ou 64 páginas) que, alceados e justapostos, formam a totalidade de um livro; (iii) conjunto de folhas sobrepostas que, num jornal, constituem uma seção ou divisão: *caderno de classificados*”.

De modo geral, podemos dizer que embora compartilhem espaço em um mesmo campo semântico, os termos caderno e cartilha apresentam funções diferentes. Por esse motivo, para fins de análise, adotamos o termo cartilha em algumas das referências ao *Caderno Escola Sem Homofobia*, por compreendermos que defina melhor o material didático em questão.

A partir da comparação inicial entre os possíveis significados mais básicos dos termos “kit” e “cartilha”, é possível observar como a seleção do termo “kit”, realizada pelo enunciador, denota um movimento de criação de simulacro, pois embora os termos possam compartilhar características semânticas (relacionadas a uma finalidade geral de instrumentalização), eles geram diferentes efeitos de sentido. Enquanto “kit” produz um sentido de conjunto de elementos, sobretudo concretos, utilizados para a realização de

---

<sup>6</sup> Embora este trabalho tenha como base teórica principal a perspectiva de Dominique Maingueneau, recorre-se, aqui, à definição de gêneros do discurso conforme a perspectiva de Mikhail Bakhtin (2011). Formas relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso vinculam-se às esferas da atividade humana e caracterizam-se pela regularidade de conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Outros autores, como o próprio Maingueneau (2015), destacam, ou pelo menos apontam de forma mais explícita, outra característica fundamental do gênero: a sua finalidade.

uma prática, a palavra cartilha, por sua vez, pode gerar um outro sentido, o de instruções nocionais (relativamente menos “concretas”) para uma prática.

Em outras palavras, a cartilha propicia o *conhecer* relacionado a uma situação prática, enquanto o kit é o próprio *meio para fazer*. A partir disso, é possível compreender a construção do termo Kit Gay, no vídeo, como se fosse um material cujo objetivo seria disseminar, na prática e de modo concreto, a homossexualidade nas escolas. Como veremos, este movimento discursivo de construção de simulacros se repete ao longo do discurso analisado.

Na apresentação do *Caderno Escola Sem Homofobia*, a palavra kit aparece. No entanto, a emergência dessa palavra se dá quando se descreve um material suplementar que acompanharia o caderno, como forma de apoio à promoção dos objetivos propostos, conforme transcrito abaixo:

Este Caderno e o kit de ferramentas educacionais que o acompanha compõem a base teórica e material com que se pretende dar o passo inicial para a promoção e garantia de uma escola livre de homofobia. Podem ser implementados através de um programa de médio ou longo prazo, como também de oficinas temáticas. Orientam-se pelos princípios da igualdade e respeito à diversidade, da equidade, da laicidade do Estado, da universalidade das políticas, da justiça social. Sua principal meta é contribuir para o reconhecimento da diversidade de valores morais, sociais e culturais presentes na sociedade brasileira, heterogênea e comprometida com os direitos humanos e a formação de uma cidadania que inclua de fato os direitos das pessoas LGBT. (BRASIL, 2010, p. 9)

Como mencionado anteriormente, a seleção das palavras e expressões produz diferentes efeitos de sentido no discurso. O material chamado (por seus organizadores) de Caderno, ao ser tratado como Kit, produz sentido que vai além do de instruir, adotando significado mais próximo do sentido de levar a fazer algo, objetivamente. O efeito de trazer o conhecimento a alguém sobre algo, ou preparar para aprendizagem, sentidos relacionados, por exemplo, ao termo cartilha, são traduzidos como simulacro pelo emprego do termo Kit, indiciando um movimento de interincompreensão regrada.

O simulacro presente no discurso objeto não foi gestado no vídeo. Como podemos ver abaixo, desde o ano de 2010 Jair Bolsonaro faz referência ao Caderno Escola sem Homofobia como Kit, mesmo que ainda não o chamando de Kit Gay:

Atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um *kit* intitulado *Combate à Homofobia*. Na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade. (BRASIL, 2010)

Foi só em 2011 que o então deputado federal passou a utilizar a expressão Kit Gay, ao fazer referência ao material *Caderno Escola sem Homofobia*:

Duvido, depois de distribuído esse *kit gay* a todos Deputados, que esse trabalho continuará sendo feito nas escolas públicas de primeiro grau. É inadmissível que a garotada de 6, 7, 8, 9, 10 anos receba esse material de combate à homofobia. Na verdade, esse material promove o homossexualismo e a promiscuidade. (BRASIL, 2011)

Em 2016 foi publicado o vídeo objeto desta análise, que buscaremos investigar, sobretudo, por meio da análise lexical e semântica. Conforme Maingueneau (1997, p. 129) aponta, “qualquer que seja a questão dominante da AD, nela o estudo do léxico ocupa um lugar importante”. Assim, podemos destacar a produção dos simulacros sobre o tema do gênero por meio das falas transcritas.

Em um dos enunciados iniciais, “Todos dizem que a educação é que poderá salvar o nosso país. Concordo contigo. Mas você conhece o currículo escolar?” (BOLSONARO, 2016), o enunciador recorre a “todos”, marcando, mesmo que inconscientemente, o lugar do Outro no discurso, ao construir um simulacro sobre o que compreende por currículo escolar. Sugerindo a existência de uma aparente obviedade (educação como salvação do país) que deveria ser questionada, o enunciador exclui-se do que denomina como “todos”. No movimento de diferenciação de seu Outro, confere-se especial destaque ao que será dito, de certa forma, com status de “revelação”. A conjunção adversativa “mas” participa do processo de contraposição entre o enunciador e seu Outro, introduzindo uma informação que se julga ser de desconhecimento do ouvinte. Ao mesmo tempo, o “mas” em relação à oração anterior, firma um argumento prevalecente.

A aproximação com o enunciatário é reforçada, com uma espécie de chavão, pelo uso do termo “contigo”. Observa-se que esse “tu”, expresso pelo “contigo”, é incluído pelo enunciador na classe de “todos”. Instaura-se, então, uma cena de enunciação em que o “tu” seria um sujeito que deve ser convencido a aderir a uma tese que, à primeira vista, é incompatível com seu posicionamento.

Na continuação do vídeo, o então deputado federal chama a atenção para um questionamento que tem recebido sobre não colocar a filha em escolas públicas. Ao respondê-lo, atua na construção de uma referencialização por meio de dêiticos temporais que denotam a construção de um simulacro.

Muitos de vocês nos questionam, porque o parlamentar, o deputado não bota a tua filha em escola pública? Eu te respondo. Eu não boto porque o currículo escolar não é aquele do meu tempo. Dos anos 60 e 70, período TÃO criticado pela esquerda e pela mídia brasileira. Naquele tempo você tinha educação de qualidade. Agora, e o hoje em dia, o que consta no currículo escolar... (BOLSONARO, 2016).

Ao chamar atenção para o currículo escolar “do seu tempo”, o enunciador retoma o currículo desconhecido (“mas você conhece o currículo escolar?”) e agora situa historicamente o discurso, fazendo uma comparação e trazendo referências ao tempo da ditadura militar (“período tão criticado pela esquerda e pela mídia”). A contraposição entre o enunciador e o seu Outro materializa-se, no trecho, com o pronome demonstrativo “naquele”, que entra em conflito com o “hoje”, referência dêitica que representaria a decadência da educação. Em vez de se tratar meramente de uma dêixis enunciativa (um “aqui” e um “agora” referenciais da enunciação), pode-se falar, portanto, em uma dêixis discursiva, visto que a reconstrução elogiosa do passado constitui uma das bases do funcionamento de discursos conservadores.

Essas construções podem denotar que o enunciador se inscreve em uma formação discursiva conservadora, militarista e com uma ideologia de educação tecnicista e repressora, pois remete-se a um período em que a educação foi seriamente afetada por posicionamentos autoritários. Os governos militares, que buscavam uma espécie de Taylorismo educacional, promoveram uma forma para educar a população, em especial das classes menos abastadas, segundos os seus próprios interesses econômicos, conforme salienta Veiga (1989).

O modelo político econômico tinha como característica fundamental um projeto desenvolvimentista que busca acelerar o crescimento sócio-econômico do país. A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação (VEIGA, 1989, p. 34).

Após relacionar o enunciador a essa formação discursiva, salientamos o uso da construção “aquele do meu tempo”, referindo-se à educação na época da ditadura militar como melhor do que a atual. Segundo o enunciador, “naquele tempo você tinha educação de qualidade”. Considerando a relação entre discurso, ideologia e inconsciente, pode-se compreender como a ideologia militarista perpassa o processo de enunciação.

O emprego e a insistente repetição de dêiticos espaciais, no trecho a seguir, indicam que o enunciador compreende como prejudicial o espaço escolar atual, no qual se faria presente o Kit Gay e, portanto, no qual sua filha não poderia estar. Refere-se, em um momento anterior, ao espaço da escola pública e, em uma espécie de deslocamento, os dêiticos começam a se relacionar ao espaço do próprio vídeo que está sendo gravado (vale destacar que Bolsonaro inicia o vídeo com a sua filha ao lado). Como forma de reforçar o porquê de sua filha não estudar em instituição pública, o então deputado afirma que será necessário tirar a filha do ambiente ao (e simplesmente por) falar do “Kit Gay”.

Lógico, que para eu poder explanar sobre isso aqui, eu vou tirar minha filha desse ambiente. Porque esse ambiente que eu vou mostrar para vocês agora, é o que se encontra em especial nas bibliotecas públicas do Brasil. (BOLSONARO, 2016)

O ambiente do Kit Gay seria prejudicial à filha de Bolsonaro porque, para ele, as discussões sobre (diversidade de) gênero não devem ser realizadas no ambiente escolar, transparecendo o simulacro de que qualquer ambiente em que se fale de gênero (e, sobretudo, de homossexualidade) é um ambiente promíscuo, imoral.

O efeito provocado pelo enunciador ao retirar sua filha do local para tratar do tema nos faz rememorar algumas considerações feitas por Louro (1997, p. 134)<sup>7</sup>, quando da análise acerca da naturalização da heterossexualidade:

Processa-se uma naturalização – tanto da família como da heterossexualidade – que significa, por sua vez, representar como não-natural, como anormal ou desviante todos os outros arranjos familiares e todas as outras formas de exercer a sexualidade.

Se é necessário retirar sua filha do recinto para tratar sobre gênero e diversidade, essas questões são interpretadas (e postas a circular) pelo sujeito enunciador como anormais, como temas que devem ser invisibilizados.

Após a saída da filha, Jair Bolsonaro faz referência ao jornalista e historiador Marco Antônio Villa ao falar de educação: “O jornalista, ou melhor, o historiador Marco Antônio Villa”. Essa “confusão”, que ele próprio marca no discurso, ao sublinhar certa importância de não ser um jornalista a quem ele se refere, mas um historiador, demonstra

---

<sup>7</sup> Deve-se fazer a ressalva de que Louro (1997) e Butler (2003), autoras trazidas para esta discussão, não desenvolvem seus estudos no campo da Análise do Discurso. Tendo ciência da impossibilidade de compatibilizar integralmente os quadros teóricos, o recurso às autoras funciona mais como forma de aprofundar, pontualmente, o debate sobre (diversidade de) gênero, do que como arcabouço teórico para a análise propriamente dita dos mecanismos discursivos.

o simulacro que o enunciador sustenta em relação ao profissional que fala ou escreve sobre a educação. Jair Bolsonaro recorre à troca do termo jornalista por historiador, provavelmente devido à leitura negativa da “mídia” como propagadora da supostamente maléfica “ideologia de gênero”.

Na sequência do vídeo, a seleção do verbo “denunciando”, no trecho “Marco Antônio Villa fez uma matéria no Jornal O Globo, denunciando o que é o currículo escolar do PT”, revela mais uma característica deste Outro ao qual o enunciador se refere. Desta vez, trata-se da construção de um simulacro no qual o *Caderno Escola sem Homofobia*, ou o material por ele designado como “Kit Gay”, seria um crime (por isso a “denúncia”) cuja responsabilidade recairia sobre o Partido dos Trabalhadores (PT). “O currículo escolar do PT” é um sintagma que retoma parafrasticamente o “currículo de hoje em dia” e, em certas proporções, o próprio “Kit Gay”.

No trecho “Ou seja, o que ele fala ali, eu venho falando desde 2010, quando descobri o famigerado Kit Gay nas escolas” (BOLSONARO, 2016), entendemos ser necessária uma análise sobre o verbo descobrir. Sua utilização mostra que o enunciador emprega o verbo com o possível sentido de desvendar, como se tratasse de algo oculto, um plano secreto para transformar os alunos das escolas públicas em homossexuais. Esse simulacro construído sugere que o Kit Gay seria capaz de incutir a ideologia de gênero e mudar a orientação sexual dos jovens estudantes.

Ao adotar o adjetivo “famigerado”, o sujeito acaba afirmando que se trataria de um kit bem conhecido (não necessariamente com boa fama), entrando em contradição, pois aquilo que estava a princípio “escondido” e “infiltrado” nas escolas não poderia, em tese, ser considerado famigerado. O próprio sujeito atribui, com o uso deste adjetivo, uma fama ao material que nunca havia sido distribuído, mas que já era discutido desde 2010, por ele mesmo e por outros deputados no Congresso.

Na sequência do vídeo, Bolsonaro mostra o livro *O Aparelho sexual e Cia* e diz: “Olhe só, um dos livros que estão chegando nas bibliotecas das escolas públicas, para você que é pobre”. E reforça: “Este livro aqui *O Aparelho Sexual e Cia*, um guia para crianças, entre outras coisas” (BOLSONARO, 2016). Ao apresentar um livro diferente do que estava sendo anteriormente tratado como se fosse o próprio *Caderno Brasil Sem Homofobia*, ele reforça o simulacro construído sobre o Kit Gay, isto é, como ferramenta de transformação da sexualidade considerada “normal”. Segundo a Revista Eletrônica Superinteressante (2019), a obra mostrada no vídeo era uma publicação traduzida de um

livro francês, escrito pela autora Hélène Bruller e ilustrado pelo cartunista Zep. A revista traz ainda na matéria a informação que desmente a afirmação do enunciador de que o MEC estaria distribuindo essa obra.

Ao mencionar o livro, o enunciador, apelando ao *pathos*, direciona sua fala para uma parcela desprivilegiada da população (“para você que é pobre”), construindo uma rede de sentidos específica para demonstrar que a ideologia de gênero supostamente ensinada nas escolas seria destinada aos pobres, os quais ele mencionará, de modo parafrástico, como recebedores de Bolsa Família, ainda mais adiante.

Segundo Jessé de Souza (2009), em *Ralé Brasileira*, há um “esquecimento” da gênese das desigualdades sociais no Brasil. Ao longo do vídeo de Bolsonaro, são citados conceitos como o de meritocracia, que para Souza no fundo servem para encobrir ou mascarar a injustiça social<sup>8</sup>, pois na realidade as condições de competição na sociedade são desiguais.

Existe um verdadeiro abismo entre as crianças da classe média e da “ralé” brasileira. Enquanto as primeiras chegam à escola já tendo recebido dos pais todo o estímulo, os melhores exemplos e a carga de motivação diária necessária para o difícil aprendizado que a disciplina escolar significa para as crianças, as crianças da “ralé” chegam completamente despreparadas para os mesmos desafios. (SOUZA, 2009, p. 82),

Bolsonaro, ao exaltar a educação “naquele tempo”, “no seu tempo”, faz a defesa de uma educação tecnicista, que foi implementada durante os governos militares e na qual não se dava importância à discussão sobre a formação humana, sendo “suficiente” para o exercício no mercado de trabalho. Tendo em vista a disparidade de condições de competição, descrita por Souza (2009), podemos indicar que, possivelmente, a educação “naquele tempo”, que o enunciador retoma, seria, então, essa educação que reproduz abismos sociais e não aprendizagens humanas, visto que o enunciador defende que alguns temas humanos não devem ser discutidos no ambiente escolar.

---

<sup>8</sup> Deve-se fazer a ressalva de que Souza (2009), assim como Butler e Louro, não enuncia inscrito no quadro teórico da Análise do Discurso. Sua concepção de ideologia é, por exemplo, a de mascaramento da realidade. Na perspectiva de Althusser (1996, p. 126), que embasa a linha francesa de Análise do Discurso, a ideologia “representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, ou seja, é a partir dela que se produzem as evidências que sustentam a reprodução das relações entre os sujeitos, inclusive as de exploração. Embora essa concepção seja incompatível com aquela do mascaramento, recorreu-se à citação de Souza porque ela é bastante elucidativa no que diz respeito à conjuntura brasileira.

No vídeo, Bolsonaro, expondo o livro *O Aparelho Sexual e Cia* bruscamente, com a intensidade de voz elevada, com movimentos grosseiros, e até violentos, que indicam a construção de um simulacro sobre o material, corroboram o funcionamento discursivo afirmado por Maingueneau (2008, p. 136): “Os objetos semânticos que manipulamos nos sistemas de restrições não estão reservados a priori exclusivamente às unidades da língua”. Ou seja, os movimentos corporais, a configuração de voz, o modo de agir etc., são aspectos que também integram a prática discursiva. Para Maingueneau (2008 p. 93), “o modo de enunciação obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso”.

Ao analisarmos os aspectos linguísticos e visuais do discurso de Bolsonaro ao referir-se à homossexualidade, destacamos o trecho: “Um menino pode gostar de outro menino? Uma menina pode gostar de outra menina? [lendo] Tá na cara que para o historiador, não o Villa, mas quem fez este livro aqui, isso é normal”. A forma incisiva com que se enuncia (através, por exemplo, de elevação da intensidade da voz), neste ponto, indica um posicionamento que desconsidera qualquer outra compreensão de gênero, ou orientação sexual que escape ao fator biológico. E, por consequência, para o enunciador seria totalmente anormal a homossexualidade, doentia, portanto, passível de punição. A utilização da negação realizada pelo enunciador no trecho “não o Villa” nos remete, de novo, à figura constitutiva do Outro: aquele que considera a homossexualidade como normal. Bolsonaro parece conceber esse “outro historiador”, a propósito, como aquele que escreve livros, de forma genérica (mesmo de ficção, por exemplo).

Para aprofundarmos as questões sobre identidade e gênero implicadas no espaço escolar, trazemos as contribuições de Louro (1997):

Ao conceber a identidade heterossexual como normal e *natural*, nega-se que toda e qualquer identidade (sexual, étnica, de classe ou de gênero) seja uma *construção social*, que *toda* identidade esteja sempre em processo, portanto nunca acabada, pronta ou fixa. Pretende-se que as identidades sejam – em algum momento mágico – congeladas. (LOURO, 1997, p .140).

É importante ressaltar que a negação da homossexualidade, ou sua interpretação como desviante, corrobora com o discurso da naturalidade de apenas uma sexualidade possível, que é fundada no sexo biológico homem/mulher, negando toda a diversidade existente. Louro (1997) reforça ainda a necessidade de discutirmos o papel da escola na formação educacional, perpassando diversos temas, inclusive, a diversidade de gênero.

Diferentemente da pesquisadora, conforme o enunciador do vídeo em análise, as questões de gênero de forma alguma deveriam ser discutidas nas escolas:

O Villa denuncia também, a questão que eu falo há algum tempo, o lixo, as mentiras e as omissões, no tocante a história, geografia. E, até mesmo, acredite se quiser, a matemática. Mas vamos lá, continua nesse livro aqui. Todo ele é uma coletânea de absurdos que estimulam precocemente as crianças a se interessarem por sexo. E no meu entender, isso é uma porta aberta para a pedofilia também. (BOLSONARO, 2016)

Louro (1996) afirma que as questões sexuais permeiam o ambiente escolar de diversas formas. A teórica defende que silenciar essas questões somente corrobora com o discurso preconceituoso e excludente. Portanto, aqueles que negam a educação sexual estariam munidos por escolhas morais e religiosas, mas também pela vontade de poder.

Fortemente "atravessado" por escolhas morais e religiosas, o tratamento da sexualidade nas salas de aula geralmente mobiliza uma série de dualismos: saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc. (LOURO, 1996, p. 133)

Para Maingueneau (2008, p. 108), dualismos como os citados acima podem ser estudados como a tradução do Outro no discurso, introduzidos por meio do simulacro, aparecendo como uma polêmica, uma "homeopatia pervertida", na qual o enunciador introduz o Outro em seu recinto, somente para negá-lo.

Temos, portanto, a constituição de um simulacro realizado pelo enunciador, no qual ensinar educação sexual nas escolas, ou qualquer outro conteúdo relacionado a sexo, levaria as crianças a fazerem sexo. Partindo do trecho destacado, "isso é uma porta aberta para a pedofilia", Jair Bolsonaro configura o seu Outro como aquele que permitiria e incitaria o abuso infantil.

Manipulando, indignado<sup>9</sup>, o livro que supostamente estaria sendo distribuído nas escolas públicas para crianças de seis anos, denotando aos ouvintes sentido de total veracidade ao simulacro construído, o enunciador opta por seguir o que indica a leitura, ou seja, inserir o dedo em uma das páginas, na qual há um desenho de um menino, fazendo-o atravessar até a outra página, onde há o desenho de uma menina.

---

<sup>9</sup> O sujeito expressa indignação em alguns momentos, por exemplo, ao folhear o livro de forma brusca, ao jogar os óculos em cima de uma mesa, ao apontar o dedo para a câmera ("para o SEU filho de 6 anos de idade"), ao aumentar a intensidade da voz etc.

Ele então realiza o gesto acompanhado pelo discurso verbal, fazendo uso dos pronomes “teu” e “tua”, com o objetivo de se aproximar do ouvinte, para que ele tenha a sensação de que seus filhos, ao estarem sujeitos a serem ensinados com a utilização deste livro, estariam realmente fazendo esse movimento, que serviria para levar o “teu” filho, mas principalmente a “tua” filha, “uma menina”, a realizarem uma prática sexual: “Ensina para o teu filho de seis anos de idade, ou para a tua filha seis anos de idade, enfia o dedo aqui” (BOLSONARO, 2016).

Chega-se a um momento crucial da construção de todo o simulacro, tendo em vista a controvérsia: seria apropriada essa abordagem sobre o tema sexual para crianças de seis anos? O choque causado no ouvinte reforça e, de certa forma, legitima todos os simulacros anteriores. Justifica-se, aos olhos dos que não sabiam que o livro, na prática, não estava sendo distribuído, a narrativa de que o ensino de questões relacionadas ao gênero nas escolas seria uma porta aberta para a pedofilia.

Nos trechos subseqüentes, o sujeito refere-se ao livro como produto do Partido dos Trabalhadores, de Lula e Dilma, e retoma esses personagens ao longo do discurso por meio de referências (irônicas) ao Outro, como quando utiliza o termo “companheiros”.

Esse livro do PT, o livro de Lula, o livro de Dilma Rousseff, que ensina para os nossos filhos, isso aqui. E para onde vai isso aqui? [...]. É uma grana para os companheiros e fica aqui pervertendo os seus filhos na sala de aula (BOLSONARO, 2016)

Observa-se que o sintagma “esse livro do PT” retoma, de modo parafrástico, no discurso de Bolsonaro, a expressão “Kit Gay”, processo que estabiliza e legitima uma referência específica ao objeto de sua fala. Mais adiante, o enunciador finaliza o raciocínio com a explicação introduzida por “ou seja”, reforçando a “real” finalidade para a compra do material: “Ou seja, o que o governo Dilma Rousseff do PT faz, compra centenas de milhares desses livros e distribui pras escolas” (BOLSONARO, 2016).

É interessante notar, no recurso a “companheiros”, que, ao menos aparentemente, o enunciador partilha semanticamente uma expressão recorrente na formação discursiva do seu Outro. No entanto, esse emprego atua justamente a fim de atingir o adversário, trazendo-o interdiscursivamente ao mesmo tempo em que o desqualifica.

O exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente insuportável. (MAINGUENEAU, 1997, p. 125).

Ainda no vídeo, Bolsonaro mostra a *Revista Nova Escola* (exemplar de fevereiro de 2015) e diz: “Vamos falar sobre ELE, isso AQUI é um menino. Isso aqui fica dentro das bibliotecas”. Nesse trecho, pronuncia-se enfaticamente os dêiticos “isso”, “aqui” e “ele”, gerando um efeito de indignação e de denúncia em relação ao modo como meninos e meninas devem se comportar. Apontando o garoto retratado na capa, vestido de fada, o enunciador acaba referindo-se à criança como “isso daqui” (expressão geralmente usada em relação a coisas), mas afirmando, logo após, “é um menino”. Esta contradição reforça mais uma vez a visão de que aquilo que é estranho ou desviante, é anormal. Para compreendermos as implicações da contradição, na qual se nega outras formas de gênero que não as compatíveis com o sexo biológico, trazemos a contribuição de Butler (2003) a respeito das identidades anuladas:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” — isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo com que as em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2003, p. 39).

A retomada do simulacro retrata a tentativa de anular o diferente, o desviante. Se um menino veste uma fantasia de fada, ele não se comporta como menino, ele é, portanto, uma aberração, que jamais poderia estar na capa de uma revista, ainda mais em uma que estivesse sendo veiculada nas escolas.

Na sequência do vídeo, Jair Bolsonaro restringe o público para o qual enuncia e o diferencia, realizando uma separação bem clara de sua posição social e de classe, em relação a quem é o público para o qual é destinado o “Kit Gay”.

Por que o que interessa: Que o teu filho, filho de pobre de escola pública, me desculpe aqui, no meu tempo era pra mim, hoje é pra pobre. Para que ele não aprenda nada e no futuro seja apenas um beneficiário do Bolsa Família, e nada mais além disso. (BOLSONARO, 2016).

Por meio da análise desse trecho, observa-se a expressão “filho de pobre” em contraposição ao privilegiado “meu tempo”, termos que, empregados pelo enunciador, situam historicamente a separação de classes, mas também a sustentam, de certo modo, em um panorama sincrônico. Essas observações possibilitam apontar como é realizada a construção de uma representação, recorrente no discurso conservador, que corrobora com a ideia de que a escola pública é somente para pobre, e que as funções sociais entre locais de aprendizagem de ricos e pobres são bem distintas. Para esse posicionamento,

os ricos estudam para chegar aos espaços de poder, e o pobre estuda para trabalhar e deixar de ser o beneficiário do Bolsa Família.

Bolsonaro sugere que o ouvinte, histórica e socialmente situado, defina o destino dos filhos, como se só houvesse dois caminhos a serem seguidos: “Então, o que que é mais importante, o cartão de Bolsa Família ou a dignidade do teu filho, a honra do seu filho?” (BOLSONARO, 2016). A conjunção “ou” traz como efeito de sentido, nesse caso, as duas alternativas excludentes: curve-se à maioria (classe dominante) e aceite o seu destino “ou” mantenha o benefício social e acabe com a honra e dignidade da sua família, do seu filho. Ao apresentar tais alternativas ao ouvinte, o enunciador pode sugerir que o seu papel revelador, denunciando o Kit Gay, seria o de libertar o pobre do Bolsa Família e, ao mesmo tempo, da promiscuidade.

Remetendo novamente aos seus opositores políticos, Bolsonaro retoma a questão da pedofilia, como um crime “liberado” pelo PT e por Dilma Rousseff. No trecho a seguir, a atitude acusatória é enfatizada, ainda, por meio do pronome possessivo “dela” (de Dilma), em relação a um site que supostamente legitimaria a pedofilia. Personaliza-se, portanto, um portal governamental, vinculando-o diretamente à gestora ou a seu partido.

E mais ainda. O PT através do site Humaniza Redes prega abertamente que a pedofilia não é crime. O pedófilo só é pedófilo, depois que ele for submetido a um exame, ao laudo psiquiátrico. Porque se caso ele venha a sofrer de transtorno, segundo Dilma Rousseff, porque o site é dela. (BOLSONARO, 2016)

Na construção da negação e anulação do seu Outro, por meio da polêmica, o enunciador utiliza o termo “criancinhas” no diminutivo, o que sugere uma sensibilidade do enunciador quanto à questão da pedofilia, que seria consentida pela política pública nas escolas que são administradas pelo Outro: “Esse como um todo, vamos assim dizer, é a política para as escolas, para criancinhas a partir de seis anos de idade”.

Perto do final do vídeo (por volta do minuto 04:45), Bolsonaro retoma a frase feita já citada no início, aquela que diz que as crianças são o futuro do país: “Além da dignidade dos nossos filhos, aquela menina que tava aqui, vale muito pra mim, está o futuro do nosso país”. A construção ratifica a representação de uma educação que, nas escolas públicas, para o “filho do pobre”, “beneficiário do Bolsa Família”, está sendo ameaçada pela distribuição do Kit Gay. Por meio da referência genérica a “nossos filhos”, o enunciador sugere uma identidade pertencimento que unificaria todas as crianças em um mesmo contexto socioeconômico.

Dissimulando a divisão de classes, o sentimento de pertencimento realizado por meio dos discursos que denotam a totalidade, como o do vídeo em análise, não deixa transparecer, em sua superfície, todos os aspectos da ideologia que os constitui. A ideia de totalidade, constituída discursivamente, atinge, ainda, a representação da “família tradicional brasileira”, recorrente no discurso do então deputado e hoje presidente.

No trecho abaixo, na cena final do vídeo, Bolsonaro aponta para a roupa que utiliza: “Não é à toa, para encerrar, que eu estou aqui com a camisa do Japão. Lá crianças dessa faixa etária, faz operações matemáticas que o nosso universitário não faz aqui”. Aproveitando-se de uma representação do Japão, tido como país de excelência na área da educação, a desqualificação do Outro dialoga parafrasticamente com outros vários dizeres anteriores e posteriores que integram a produção enunciativa dessa formação discursiva (vide a afirmação de que as universidades, no Brasil, fazem “balbúrdia”, dita alguns anos depois por um Ministro da Educação, Abraham Weintraub).

Bolsonaro conclui o vídeo com: “Obrigado pela atenção e *infelizmente* até uma próxima oportunidade” (grifo nosso). O emprego desse advérbio de modo é, de certa forma, inabitual nesse contexto (de antecipação de um novo encontro), pois poderia ter como efeito a interpretação de que o enunciador não gosta de falar para esse público; no entanto, é mais provável que se gere a interpretação de que o sujeito não gosta de falar sobre o tema, por ser desagradável, mas que “infelizmente” terá que reiterar o discurso, para fins de denúncia.

### **Considerações Finais**

Apontar a materialização do confronto ideológico no discurso e o modo como ocorre a construção de simulacros permite observar o sistema de restrições semânticas característico de um posicionamento, que Maingueneau (2008) delimita não como totalidade estratificada, que pode simplesmente ser recortada, decomposta, ou desfeita, para uma finalidade, mas que possui regras que definem a especificidade da enunciação. Através da análise, podemos ter a percepção de como essas regras funcionam e como os enunciados produzidos, em dada conjuntura sócio-histórica, geram efeitos de sentido. Procuramos considerar, também, a relação dos dizeres presentes no objeto com outros enunciados já proferidos, buscando mostrar que “as palavras falam com outras palavras” (ORLANDI, 2005, p. 24).

É importante ressaltar que os apontamentos realizados ao longo da análise nos levam a compreender os simulacros como uma forma de negar o Outro, neste caso, um adversário político. A partir da perspectiva teórica de Maingueneau (2008), a polêmica, como está construída no vídeo, é necessária, porque sem ela, sem essa relação com o Outro, que se dá por meio do simulacro, o discurso se torna incompleto. Essa falta faria com que o próprio posicionamento fosse anulado, perdesse a identidade que o constrói, pois é por meio desta negação ao Outro que ele se legitima. Discursos autoritários, especialmente (mas não só eles), aproveitam-se da polêmica para se constituírem e “não cessam de entregar-se ao ritual de admissão-expulsão do simulacro do Outro”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 113), movimento apontado ao longo da análise.

No objeto deste trabalho, o próprio deslizamento de caderno, ou cartilha, para “kit” sintetiza a leitura que se faz do Outro, na medida em que a orientação pedagógica se “torna” um conjunto de ferramentas práticas para a sexualização infantil. Outrossim, a apresentação da homossexualidade, no Caderno Brasil Escola Sem Homofobia, como algo que deve ser respeitado, converte-se, no decorrer do vídeo, em incitação à pedofilia. Sistematizando-se a interincompreensão que funciona no vídeo analisado, poder-se-ia dizer que o sema diversidade, reivindicado por posicionamentos políticos progressistas, é “traduzido”, no discurso conservador, como desregramento, e essa operação de leitura do Outro estrutura, de modo crucial, toda a produção enunciativa.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BOLSONARO, Jair Messias. *Livros do PT ensinam sexo para crianças nas escolas*. Rio de Janeiro, 10 janeiro 2016. Facebook: @jairmessias.bolsonaro. Disponível em: <https://web.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/576132129202444/?v=576132129202444>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Câmara dos Deputados*. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, sessão 208.4.53.O, 30 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Câmara dos Deputados*. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, sessão 006.1.54.O, 10 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=006.1.54.O&nuQuarto=14&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:26&sgFaseSessao=BC&Data=10/02/2011>>. Acesso em: 10 out. 2019.

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARTILHA. In: Dicionário Virtual Aulete da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/cartilha>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- KIT. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/kits>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- KIT. In: Dicionário Cambridge da língua inglesa. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/kit>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- LEONARDI, Ana Carolina; VAIANO, Bruno. *Não, o livro não foi comprado pelo MEC*. Sim, ele tem imagens um tanto explícitas. Conheça por si mesmo a história do livro mais falado do dia. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/esse-e-o-livro-pornografico-que-o-bolsonaro-levou-ao-jornal-nacional/>>. [Acesso 15 out. 2019.](#)
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4a ed. Campinas/SP: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 6.ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.
- SOUZA, Jessé de. *Ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- VEIGA, Ilma Passos (coord.). *Repensando a Didática*. Campinas: Papirus, 1989.

---

Recebido em: 31/05/2020  
Aceito em: 15/08/2020